

Choro na terra de Tancredo e Tiradentes

NELSON PANTOJA
Enviado Especial

São João Del Rey — Imediatamente após o anúncio da morte do presidente eleito Tancredo Neves, às 10h23min., o povo de sua cidade natal começou a chorar. Em todos, a incredulidade com uma coincidência trágica: depois de 38 dias de martírio, ele faleceu na data em que foi enforcado Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, filho também de São João Del Rey. No momento em que o seu falecimento foi divulgado, havia um grande número de pessoas nas ruas, especialmente jovens que participavam de uma festa na sede do clube dos Subsargentos do Exército. A alegria de pronto, deu lugar a uma espécie de desespero que cada um trazia em lágrimas ou em revolta.

A população, após tantos altos e baixos no estado do Presidente, nos últimos dias demonstrava antes que estava resignada e conformada, para receber o pior. Mas quando este momento chegou, o que se via nas ruas do centro da cidade eram pessoas levando as mãos ao rosto e gritando — "Meu Deus", como se não estivesse acreditando no que acontecia. Na rua da prefeitura, que leva à casa de Otávio Neves, conhecida por ser o ponto de encontro dos jovens, a desolação era total, enquanto na Igreja Basilica de Nossa Senhora do Pilar, as pessoas mais idosas iam chegando aos poucos para rezar por sua alma.

Maria das Graças de Castro, de 34 anos, foi a primeira pessoa a chegar na portaria do edifício São João, onde reside Otávio, o mais velho dos Neves. Chorava desesperadamente e pedia aos jornalistas que desmentissem a notícia. Mãe de cinco filhos, ela é viúva, e no ano passado, quando o marido Antônio estava doente, recebeu total ajuda dos familiares de Tancredo. "A alma nos protegerá onde ele estiver", disse.

Enquanto, aos poucos, uma multidão de curiosos se formava em frente ao edifício São João, pelas ruas da cidade, jovens soldados da Unidade do Exército de Tiradentes, que estavam de sobreaviso por ordem do comandante, tenente-coronel Romão Binni Oliveira, corriam para chegar, o mais rápido possível, de bicicleta, ao quartel. O soldado Tomás, que estava de prontidão em frente ao monumento em homenagem à Tomada de Montese, durante a campanha da FEB na Itália, quando viu a correria, deixou o fuzil de lado e perguntou aos jornalistas se Tancredo tinha morrido. Quando viu confirmado o seu temor, exclamou:

"Nossa Senhora". Depois, confirmou que tudo já estava pronto.

Por volta das 11h10min, com o número cada vez maior de pessoas em frente ao edifício São João, e devido ao total despoliciamento da cidade, o capitão Cirilo, do Regimento de Tiradentes, ofereceu aos jornalistas alojamento no quartel e garagem para colocar os carros de reportagem. O militar, por ordem do capitão German, que estava no comando, ficou preocupado com as manifestações populares que espocavam em vários lugares da cidade contra a presença dos repórteres.

Havia motivo de sobra para isso. Logo após o anúncio da morte de Tancredo, um grupo tentou repelir, com violência, equipes de reportagem de duas emissoras de televisão. Preocupado com o ânimo dos populares, o presidente da Câmara, Rômulo Viegas, saiu às ruas para tentar proteger, de alguma forma, os jornalistas. "Isso é um absurdo. São João não mereceu este tipo de coisa". Não conseguiu acalmar os ânimos.

Inconformados com a notícia da morte do presidente Tancredo Neves, um grupo de jovens em frente ao prédio onde reside Otávio, o mais velho dos Neves, ameaçou os jornalistas. Alguns choravam e outros, visivelmente bêbados, ameaçaram jogar objetos em direção aos repórteres. Todos, em choro, só tinham um grito na garganta: "Carniceiros. Fora daqui, seus abutres".

Não havia um policial na rua e o clima foi ficando cada vez mais tenso, porque apesar das ameaças, os repórteres insistiam em filmar e fotografar. Foi quando um jovem, mais exaltado, jogou uma caixa de madeira numa equipe de televisão. Formou-se, então, um pequeno tumulto com os jornalistas e alguns curiosos ensaiaram uma rápida correria. Não saiu, entretanto, ninguém ferido, porque os representantes da imprensa, de comum acordo, compreendendo o estado de insatisfação que dominava a cidade, preferiram agir com cautela.

Todos deixaram o local, mas a presença ostensiva dos jovens continuou, o que levou o Exército, através do capitão Cirilo, a interceder em favor dos repórteres. Alertou a todos para o risco que se corria em ficar nas ruas e comunicou com o II Regimento que estava entrando em contato com Barbacena para que fosse deslocado, com urgência, um batalhão da Polícia Militar para São João. "Além disso, não podemos fazer mais nada", garantiu.

O clima só melhorou depois da meia-noite, quando as ruas de São João começaram a ficar vazias.